

## UMA FORÇA SEM “ORIGENS”: O CARISMA EM SAUL GOODMAN

A FORCE WITHOUT “ORIGINS”: THE CHARISM IN SAUL GOODMAN

Thiago Barbosa Soares<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo investigar a construção das relações de poder através do carisma com vistas a compreender seus componentes e como esses estão articulados no processo de persuasão e, conseqüentemente, subjetivação de sujeitos, ao se apresentar como uma técnica de si, no interior dessas relações. Por conseguinte, aplicar-se-á os consagrados mecanismos da Análise do Discurso oriunda dos textos de Michel Foucault, e outros conceitos afins, mirando fundamentalmente o carisma, como recurso interpessoal, materialidade integrante dos rituais nas relações de poder. Para tanto, foi tomado como objeto desta investigação a personagem Saul Goodman, protagonista da série *Better Call Saul* (2015) (*Breaking Bad* [2008]) e seus discursos que performatizam o carisma ou lhe revestem de características materialmente apreensíveis. Com isso, buscou-se “localizar” o carisma no espaço/tempo das relações sociais, ao observar sua materialidade simbólica e histórica como arrematadora e configuradora de imagens na construção de sujeitos e de sentidos.

**Palavras-chave:** Carisma; discurso; poder.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the construction of power relations through charisma in order to understand its components and how they are articulated in the process of persuasion and, consequently, subjectification of subjects, when presenting themselves as a technique of themselves, in the inside these relationships. Therefore, we apply the consecrated mechanisms of Discourse Analysis derived from Michel Foucault's texts, and other similar concepts, aiming fundamentally at the charism, as an interpersonal resource, materiality that is part of the rituals in power relations. For this purpose, we took as object of this investigation the character Saul Goodman, protagonist of the series *Better Call Saul* (2015) (*Breaking Bad* [2008]) and his discourses that perform the charisma or have materially apprehensive characteristics. With this, we hope to “locate” the charism in the space / time of social relations, by observing its symbolic and historical materiality as a regimentation and configurator of images in the construction of subjects and meanings.

**Key-words:** Charisma; discourse; power.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Campus de Porto Nacional. Membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR-UFSCar) e do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFSCar).

*Se quisermos tentar considerar o espelho em si, descobriremos nele, afinal, nada mais que as coisas; se quisermos compreender as coisas, retornaremos em último lugar ao espelho.*

*(Nietzsche, Aurora)*

## 1 Considerações iniciais

O carisma, para além de um vocábulo insólito, é uma força capaz de convencer. Suas origens e seu próprio funcionamento permanecem um tanto quanto insondáveis, já que seu caráter extraordinário, não quantitativo e pouco investigado fora do âmbito do poder político e religioso torna-o uma perspectiva de dominação sem amarras ou grillhões aparentemente perceptíveis. Possuir carisma não parece ser uma opção. Por muito tempo e ainda nos dias de hoje, o carisma foi/é considerado um tipo de dom divino que tem por objetivo guiar uma comunidade, uma população ou uma sociedade ao seu melhor destino, a salvação. Quando essa não diz respeito à metafísica da alma e sua própria redenção, refere-se à política de Estado para organizar economicamente a vida no corpo social. Entretanto, é possível que o carisma traga em sua constituição uma série de elementos ainda não verificados que não sejam traços de um dom deificado.

Desde muito tempo, o carisma chama a atenção para sua forma de afetação nas relações. No interior dos estudos sociológicos, o carisma recebeu a diligência reflexiva de Weber que o alçou ao patamar de conceito, seguindo a esteira desse, encontra-se Bourdieu. Porém, nem um, nem outro, guardadas as devidas proporções de diferenças existentes entre ambos, examinou a influência ou o funcionamento do carisma fora do âmbito do poder disciplinar (FOUCAULT, 2014), no qual o sujeito carismático permanece fiduciário do papel de líder. Portanto, até então o carisma tem sido tomado como uma espécie de projeto de controle cujo escopo é angariar cada vez mais seguidores e, por conseguinte, ampliar a sua própria potência de capital simbólico consolidado em seu uso. Ainda que fosse assim, faltariam os componentes integrantes e materialmente analisáveis do carisma.

De acordo com a perspectiva segundo a qual o carisma é caracterizado como recurso significativo de uma liderança “consentida”, podemos recuar no tempo e no espaço para quando o poder absoluto (FOUCAULT, 2014) vigorava e Maquiavel escrevera *O príncipe*, de modo a fazermos uma aproximação do carisma com o que o filósofo italiano chamou de estima nessa obra. Assim, ele diz no capítulo XXI, “O que convém a um príncipe para ser estimado”, o seguinte: “Nada faz estimar tanto um príncipe como as grandes campanhas e os raros exemplos que dá de si” (MAQUIAVEL, 2008, p. 131). Continua: “Acima de tudo, um príncipe deve empenhar-se em deixar após si, em cada ação sua, fama de grande homem e de excelente ânimo” (MAQUIAVEL, 2008, p. 133). Por fim, “O príncipe deve ainda mostrar-se amante das virtudes dando hospitalidade aos homens virtuosos e honrando os melhores numa arte” (MAQUIAVEL, 2008, p. 135).

Governar com estima, como podemos depreender de Maquiavel, é uma das boas formas de manter o desempenho do poder, pois a ordem, o respeito, e a subserviência são equilibradas pela imagem gerada por alguém que reflete a fama de “grande homem, de excelente ânimo e de

virtuoso”. Mesmo quando o poder absoluto era o organizador social fundamental, a estima, propriedade personalíssima próxima ao carisma, era responsável por financiar as ações de gestores do Estado. Não é difícil pensar na economia concebida pela estima, do ponto de vista da administração pública. Na atualidade, o carisma é capaz de vencer eleições sem deliberações argumentativas e fazer repercutir ideias aparentemente solapadas pelos avanços científicos e tecnológicos já consolidados. Todavia, acreditamos que o carisma, para além dos traços relativos ao governante estimado, está presente no dia a dia das relações.

Não sem razão, encontramos, com apenas uma busca simples pela ferramenta do Google quando o item lexical carisma ali é lançado, os seguintes, entre outros tantos, títulos de livros: “O poder do carisma: conquiste e influencie pessoas sendo você mesmo” (SHINYASHIKI, 2018); “O poder do carisma” (LEIGH, 2013); “A força do carisma: como encantar as pessoas e se destacar em qualquer ambiente” (FRANK, 2017). A venda de técnicas de carisma é um dos fortes indícios de que esse traço de personalidade pode ser desenvolvido e, sobretudo, de que seu uso não está mais circunscrito aos âmbitos político e religioso. Ter ou aparentar carisma é um dos possíveis requisitos para se alcançar certas posições no interior do “mundo dos negócios”, mais especificamente no universo empresarial. Porém, o carisma como prerrogativa para se chegar a posições mais elevadas sempre foi muito bem visto em todas as funções sociais, porquanto parece revestir seu detentor de uma áurea de merecimento ou pelo menos justificar sua ascensão.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as **técnicas**, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAULT, 2014, p. 135, aspas do autor, grifo nosso)

Se retirarmos o caráter místico do carisma, parece sobrar ainda uma gama de possíveis traços a serem rastreados, descritos e analisados sob a ótica de uma técnica de exercício/controlado de poder. Com vistas a atingir o objetivo de compreender quais os componentes do carisma como uma técnica de si<sup>2</sup>, no interior das relações de poder, tomamos como objeto desta investigação a personagem Saul Goodman, protagonista da série *Better Call Saul* (2015) (também presente em *Breaking Bad* [2008]), sob a justificativa de ser um papel absolutamente verossímil e, logo, carrear os discursos que performatizam o carisma ou lhe revestem de características materialmente apreensíveis. Para tanto, aplicamos os consagrados mecanismos da Análise do Discurso oriunda dos textos de Michel Foucault, mirando fundamentalmente o carisma, como técnica de si, integrante do ritual nas relações de poder que envolvem Saul Goodman. Antes de passarmos propriamente à análise, convém conhecer melhor a visão sociológica acerca do carisma e sua entrada na ordem das relações de poder.

## 2 Do carisma à ordem do discurso

---

<sup>2</sup> O sintagma técnica de si, aqui empregado, não deve ser confundido com o cuidado de si oriundo “das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo” (*epimeleia heauto*) (REVEL, 2005, p. 33), mas sim às “Técnicas de individualização do poder. Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas atitudes, como intensificar sua performance, multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no lugar onde ele será mais útil” (FOUCAULT *apud* REVEL, 2005, p. 35).

A gênese da conceituação do carisma remonta à confrontação de uma compreensão mágico-religiosa dos laços desenvolvidos entre líder e liderado que fundamentou por muito tempo uma predileção por um discurso determinista a respeito do funcionamento de certas relações sociais. Weber aponta o carisma como possuidor de uma insígnia revolucionária, pois, mesmo depois das alterações tanto qualitativas quanto quantitativas no curso da história, não deixou seu aspecto simbólico para trás e ainda é infundido por sua principal característica, a modificação das relações. Portanto, o carisma pode ser compreendido como uma fonte da qual emana poder.

O carisma é a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição. Diferentemente da força também revolucionária da *ratio*, que ou atua de fora para dentro - pela modificação das circunstâncias e problemas da vida e assim, indiretamente, das respectivas atitudes -, ou então por intelectualização, o carisma pode ser uma transformação com ponto de partida íntimo, a qual, nascida de miséria ou entusiasmo, significa uma modificação direta da consciência e das ações, com orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do “mundo”, em geral (WEBER, 2004, p. 161, grifos do autor).

O comportamento coletivo parece ser, desde as primeiras formas de organização social, impulsionado por algumas forças, entre elas, encontra-se o carisma encarnado em personalidades cujas repercussões podem ser sentidas através dos tempos. Cabe, então, ratificar o fato de que o carisma não é uma essência, mas, antes, é interacional, o que faz dele semanticamente um traço envolvido nas práticas de certos sujeitos, como podemos observar nesta descrição de carisma: “O líder carismático não pode existir facilmente dentro das estruturas burocráticas normais e é motivado por um senso de destino pessoal. Nessas condições, Hitler é o arquetípico de “líder carismático”” (LAURANCE, 2013, p. 7, aspas do autor). Tal propositura é chancelada pelos anais da história nas tristes páginas da Segunda Guerra Mundial, porém, parece apenas tocar em uma das faces do carisma, voltando-lhe à liderança das massas.

Ainda sim o exemplo emblemático de líder carismático em Hitler é frutífero, pois apresenta algo da força revolucionária do carisma, qual seja, o não encaixamento nas “estruturas burocráticas normais” em sua performatização quando de seu emprego na acentuada proliferação de ideais e, conseqüentemente, na intensa capitalização de seguidores. Está do outro lado, isto é, no interior das condições de emergência, o grassar de um discurso de desilusão perfilando a insegurança coletiva cujo impacto na construção do líder carismático é fundamentalmente o de projetar a imagem de salvador. Acerca da liderança carismática, Bobbio, Matteucci e Pasquino afirmam: “Nos casos em que aparece em evidência o líder e o plano de salvação por ele proposto, a gênese do fenômeno tem sido vinculada ao pavor coletivo de um povo” (2004, p. 149).

Eis, então, que o fundo simbólico (busca por salvação) profundamente enraizado na psicologia humana ganha ossatura e musculatura na figura de alguém capaz de se contrapor, por meio de práticas comunicacionais /discursivas, às principais condições de surgimento de um discurso de desilusão. Todavia, existe uma pressuposição perigosa, porque leva ao equívoco, em acreditar, tal como Weber o faz ao caracterizar o carisma como um modo autônomo de influenciar uma coletividade, que o sujeito está infenso à ordem do discurso ou pode controlá-la.

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, pp. 8-9)

Portanto, a expressão do carisma, mesmo o do líder, responde a um dispositivo segundo o qual funcionam procedimentos de controle e exclusão do discurso. Sujeito e objeto são componentes das relações estabelecidas no discurso que, dito de outro modo, efetivam propriamente as formas de solidariedade do poder em sua própria dinâmica multifuncional em cuja manifestação encontra-se, entre outros, o carisma. Esse é, a um só tempo, pertencente ao âmbito do sujeito, enquanto sua projeção monitorada no corpo social, e ao âmbito do objeto, enquanto administração de artifícios discursivisáveis para apreensão dos valores de visibilidade (de si) e segurança (do outro). Ao observarmos as descrições, sobre a ordem do discurso, realizadas por Foucault, dos processos internos, dos externos e dos procedimentos de rarefação dos sujeitos, detemo-nos em um dos integrantes desse último, o ritual, para compreendê-lo/formatá-lo segundo uma ótica da técnica de si, que, para este texto, volta-se para o carisma.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (FOUCAULT, 2009, p. 39)

No interior das relações discursivas, conforme tal ordem do discurso, portanto, existem certas condições a serem cumpridas para que seu funcionamento possa comportar justa e efetivamente as próprias relações de poder. O ritual, sendo uma destas condições em determinadas práticas discursivas, fornece-nos as possíveis características de instauração do carisma como uma técnica de si. A arquitetura ritualizada do carisma no interior das formas de poder permeáveis aos mecanismos de produção do discurso ultrapassa as fronteiras da conceituação weberiana acerca da liderança carismática, porquanto atualiza o carisma, restituindo-lhe ao cotidiano em seus engendramentos de poder (sentido). Portanto, não se pode negar o potencial performático do carisma quando nos voltamos a sua organização/transformação na rede de contatos do circuito social. É com base neste lugar de (re)configuração de relações que se estabelece o carisma como uma forma de poder. Pois, há

Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E "o" poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns

sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2017, p. 101, aspas do autor)

Ao compartilharmos da mesma compreensão de Foucault sobre as relações de poder, percebemos com maior acuidade o carisma como participante dessas, na medida em que ritualiza uma técnica de si como mecanismo responsável por criar aderência de ideias, de comportamentos ou mesmo de representações sociais. Assim, para além das variadas manifestações de poder, absoluto, pastoral, disciplinar, familiar, entre outras, é imprescindível admitir o poder como uma forma altamente eficaz de influenciar/regular as atividades do corpo social e proporcionar-lhe coesão. Por esta razão, a mobilização da ordem do discurso, em especial de seu processo de rarefação dos sujeitos, o ritual, para analisarmos a performance do carisma na personagem Saul Goodman, de *Better Call Saul*, a partir das relações de poder envolvidas na construção do carisma como emprego de uma técnica de si no discurso, pois o poder “é menos uma propriedade do que uma estratégia, e os seus efeitos não são atribuíveis a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos” (DELEUZE, 2017, p. 41).

### 3 Saul Goodman em análise: um advogado “nada” convencional

James Morgan McGill, conhecido inicialmente por seu apocrístico Jimmy, é o nome de batismo e registro de Saul Goodman que, por sua vez, é o nome profissional usado na advocacia em Albuquerque, Novo México (USA), onde se passa praticamente toda a trama da série norteamericana *Better Call Saul* (2015). Essa é uma derivação (*spin-off*) de *Breaking Bad* (2008), na qual a personagem principal daquela exerce funções chave para o desenrolar da narrativa, como um advogado criminalista com uma rede de contatos subterrânea capaz de, entre outras coisas, extinguir evidências comprometedoras, de conectar elementos do alto escalão do poder paralelo e até de dar uma “nova vida” a quem precise fugir das malhas contingenciais de acontecimentos inesperados. Saul Goodman de *Breaking Bad* é relativamente distinto do de *Better Call Saul*, nosso principal suporte de análise, porque na primeira ele está “pronto” enquanto na segunda ele é paulatinamente construído.

A discursivização do processo de estruturação de Saul Goodman para se tornar um advogado ao mesmo tempo popular e desvinculado do nome de seu irmão mais velho, Charles Lindbergh McGill Jr. (Chuck McGill), também advogado e renomado por vencer causas quase impossíveis, tem um de seus pontos mais altos quando ele decide trocar de nome, ou melhor, fazer uso de um nome profissional. Jimmy torna-se Saul Goodman e cria o marketing *Better Call Saul* (em uma tradução livre: melhor chamar o Saul). Aqui, no deslocamento de um nome a outro, uma técnica de si compõe o ritual da designação de um sujeito no interior do espaço das relações de poder ambientado na narrativa. “Ora, o nome próprio, nesse jogo, não passa de um artifício: permite mostrar com o dedo, quer dizer, fazer passar sub-repticiamente do espaço onde se fala para o espaço onde se olha, isto é, ajustá-los comodamente um sobre o outro como se fossem adequados” (FOUCAULT, 2007, p. 12).

O nome Saul Goodman não apenas referencia alguém como lhe distingue dos demais, formatando, no interior dos espaços enunciativos, um sujeito que, quando discursivizado, é construído no corpo social. “Neste percurso cotidiano do funcionamento dos nomes o processo de identificação estabelece uma relação muito particular entre o nome que se chega e a pessoa”

(GUIMARÃES, 2005, p. 38). Portanto, a mudança de nome, sobretudo, neste caso de Saul Goodman, favorece-lhe tanto pelo distanciamento do nome familiar utilizado por seu prestigiado irmão quanto pelo benefício de lhe conceder uma designação potencialmente criativa para o mundo no qual se insere, isto é, a advocacia criminalística. Desse modo, Saul Goodman, com sua labilidade, é o revestimento do novo sobre o velho com vistas a desenvolver um mecanismo de persuasão permanente sobre os outros. “O poder que o nome de um sujeito de sucesso tem é portador de enorme influência sobre as pessoas” (SOARES, 2020, p. 38).

Existe ainda outro elemento envolvido na constituição do novo nome. O sintagma Goodman, um sobrenome comum, é composto por *Good*, bom, e *man*, homem, que significam na mesma ordem sintática em língua inglesa: homem bom e/ou bom homem. Eis mais um pontilhado do marketing profissional. Então, é possível perceber que, neste caso de Saul Goodman, o carisma está vinculado à disposição de um nome cujo efeito, por menor que possa parecer, desencadeia no circuito social, de maneira geral, uma positividade, já que acarreta a pressuposição de que algo do ser designado está na designação. Por meio da posição que ocupa Saul Goodman, advogado, o ritual de seu ofício “[...] define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 39), de forma a ganhar outra positividade, pois um agente da lei que se chama “bom homem” e/ou “homem bom” (Goodman) está mais autorizado a fazer uso dos expedientes legais para o bem do que outros.

Ainda antes da alteração de nome, Jimmy demonstra a potência de seu carisma.

No segundo episódio da série, em sua primeira temporada, Jimmy se depara com uma situação bastante complexa na qual ele e dois jovens irmãos tentavam simular um atropelamento que resultaria em uma causa para aquele e algum dinheiro para esses. No entanto uma senhora foi envolvida e, posteriormente, seu neto assumiu o controle da situação. Tuco Salamanca, um dos representantes do cartel mexicano na região, ao tentar resolver a situação de sua *abuelita*<sup>3</sup>, leva o advogado e seus companheiros para o deserto afim de lá encerrar todos os aborrecimentos que sua avó sofrera. Jimmy tenta contornar a situação explicando todo o seu plano, porém, mesmo contando todos os detalhes, Tuco não está propenso a lhe dar ouvidos. Um ponto fundamental conectado a esse evento é necessário ser trazido à luz de nossa análise para a compreensão da constituição do carisma, a saber: o tratamento polido, mas não excessivo, dispensado a Tuco por parte de Jimmy. Em todos os momentos, o jurista demonstrava respeito marcado tanto em sua postura corporal quanto em suas escolhas lexicais.

No interior da complexa relação de poder exercida por Tuco e seus homens em pleno deserto, a iminência da morte como um cenário futuro toma conta da fala de Jimmy que tenta barganhar um estado de salvaguarda para si e para os dois irmãos. Uma estratégia usada pelo advogado é colocar o mexicano como um juiz que deve imputar uma pena conforme um sistema “simplificado” de justiça que seja capaz de trazer punição e também generosidade de quem a aplica. Desse modo, ele faz de Tuco quem esse realmente é neste lugar onde se encontram; sua retórica convence o outro de que não é preciso matar ninguém e sim apenas quebrar uma perna de cada um dos irmãos. O futuro Saul Goodman faz seu adversário de argumentação sentir-se poderoso e ao mesmo tempo vaidoso de por em marcha seu sistema de justiça e de benevolência. A façanha aqui descrita não é alcançada se não fosse por uma boa dose de carisma na fala respeitosa, nos gestos contidos, na argumentação precisa, isto é, no próprio funcionamento do ritual segundo o qual um feixe de técnicas é empregado para influenciar o outro.

---

<sup>3</sup> Avozinha em espanhol.

No decorrer da série, Jimmy volta-se para uma área de atuação na qual os direitos da pessoa idosa precisam ser constantemente revisados por um conselheiro jurídico e, desta maneira, passa a lidar com outro tipo de público. O cenário em que se passa a mudança é uma grande rede de casas de repouso, Sandpiper Crossing. Jimmy passa a frequentar um destes centros de convivência para idosos e nele faz amizades entre seus moradores. Ele realiza bingos que mobilizam todos os residentes e confere uma marca as suas visitas, seu aconselhamento jurídico que, não sem razão, leva-lhe a ser o representante legal de praticamente todos os senhores e senhoras de uma das residências geriátricas Sandpiper. Pode-se afirmar que Jimmy usa de seu carisma para conquistar a simpatia de todos, entretanto tal asserção lateraliza tanto as condições por meio das quais o carisma fora empregado quanto ao principal mecanismo de constituição do ritual praticado para engendrar o carisma na relação que ele desenvolve com os idosos.

Uma das estratégias das quais o advogado fez uso para se aproximar dos residentes da casa de repouso, e através da qual percebeu irregularidades na discriminação do uso dos valores pagos à instituição, foi perguntar como eram as atividades diárias ali realizadas. Em outros termos, Jimmy demonstrava preocupação ao indagar como as coisas eram feitas, chegando até mesmo a questionar não apenas aos idosos mas também à administração do lugar sobre as razões de certos preços por dados produtos e serviços. Mesmo no ritual envolvendo o conselheiro jurídico, sujeito detentor de um saber especializado, capaz de possibilitar transformações benéficas a quem lhe contratar os serviços, há uma técnica de controle, ou pelo menos de cálculo, do outro exercida por Jimmy, qual seja, a demonstração de importância dada às coisas, às atividades e aos próprios residentes da casa de repouso. Nesse sentido, é possível dizer que ele acabou apresentando cuidados aos idosos e, portanto, tocou algo da essência humana neles. “O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano” (BOFF, 2014, p. 38).

Mais da diligência de Jimmy para com os idosos é demonstrado em um momento emblemático no qual ele está dando instruções à recepcionista recém-contratada, Francesca, para trabalhar em seu escritório. Ele diz a ela: “Eles precisam ouvir uma voz amigável. Fale alto e em bom som, mas cuidado com a altura do som, porque pode soar como irritação. Seja informal. Coloque um brilho em sua voz. Seja casual”. Fornece mais uma última orientação que se refere a chamá-lo para os clientes sempre de Jimmy ao invés de senhor McGill. Eis que a construção do carisma vai da articulação vocal até ao tratamento mais despojado no contato que deve manter-se com a pessoa. “A voz revela o estado de nossos pensamentos e sentimentos muito mais do que as palavras podem fazê-lo” (SOARES, 2019, p. 270). A conjugação da voz com uma abordagem mais intimista na aproximação interpessoal configura, ainda que parcialmente, o caráter performativo do carisma, como uma técnica de si, projetado no ritual das relações de poder sob a égide do cuidado.

Pouco depois do cuidado destinado aos idosos, Jimmy acabou descuidando-se.

Após perder sua licença para advogar, o protagonista de *Better Call Saul* precisa passar por uma avaliação do Conselho de Ética da Ordem dos Advogados<sup>4</sup> para obter uma nova habilitação. Todos os trâmites do processo de requisição de uma nova autorização para atuar no âmbito da advocacia foram seguidos e uma audiência foi marcada para acareação de documentos, fatos, com vistas a verificar a possibilidade de Jimmy readquirir sua licença. Posteriormente à apuração e quase ao final da sessão, uma integrante do Conselho de Ética faz a seguinte pergunta: “o que a lei significa para o senhor?” Aqui, diferente dos outros pontos que

---

<sup>4</sup> Nos Estados Unidos a instituição equivalente à Ordem dos Advogados chama-se *American Bar Association* (ABA).

analisamos, Jimmy quer manifestar sinceridade, não um carisma cujos efeitos convencem a quem se dirige. É, desse modo, que para responder à questão, ele apresenta o semblante bastante sério e diz que em sua adolescência jamais pensara em ser advogado, porém depois de trabalhar em um escritório de advocacia, ele começou achar possível a ideia e, assim, realizou o curso de Direito por correspondência.

Jimmy continua, dizendo que após prestar o exame para ingresso na Ordem dos Advogados por diversas vezes, conseguiu, enfim, passar. Do semblante sério passa ao de agradecido por trabalhar na mediação do cliente com a lei e afirma: “ajudar meus clientes, argumentar em favor deles, é a melhor coisa que já fiz na vida”. Com tal resposta Jimmy faz uma espécie de aproximação de sua prática com uma altruísta cujo um dos traços é o apagamento da relação econômica existente entre advogado e cliente, uma advocacia *pro bono*<sup>5</sup>. A atualização do ritual no qual as relações de poder são materializadas nos procedimentos jurídicos envolvidos na verificação de documentos e na indagação acerca de elementos aparentemente objetivos faz com que, quem está sendo avaliado, queira deixar sua melhor impressão. Portanto, o recurso de aparentar sinceridade por meio do sentimento é absolutamente legítimo e dialoga com o que Aristóteles chama de disposição dos motivos para os quais se demonstra benefícios. A mais nobre razão, de acordo com o estagirita é a beneficência.

Admitamos que a beneficência é o sentimento pelo qual um homem, que para isso tem meios, presta serviço aos que se encontram a braços com a necessidade, não com a esperança de algum proveito em retorno ou de alguma vantagem pessoal, mas unicamente para o bem do beneficiado. (ARISTÓTELES, 1972, p. 117)

Para o ritual no qual se encontram as relações de poder que envolvem a situação de avaliação de Jimmy tem-se que a valorização da profissão através de um modo de agir beirando a beneficência gera inevitavelmente um efeito eufórico à argumentação traçada pelo requerente da nova habilitação para advogar. Em outros termos, o protagonista de *Better Call Saul* está autorizado a fazer uso de seu melhor repertório crítico para convencer o Conselho de Ética da Ordem dos Advogados e, no entanto, deixa de empregar seu carisma, sua técnica de si aparentemente mais eficaz na persuasão, para se enveredar pelo caminho da retórica que o leva a construção de uma imagem discursiva de si segunda a qual sua profissão é a realização de sua vida, ajudar seus clientes é, segundo ele próprio, “a melhor coisa que já fez na vida”. A força de sua resposta reside na consistência da figura que Jimmy cria de si mesmo. “Se a pessoa do orador fornece um contexto ao discurso, este último, por outro lado, determina a opinião que dela se terá. O que os antigos chamavam de *etos oratório* se resume à impressão que o orador, por suas palavras, dá de si mesmo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 363, itálico dos autores).

Apesar de empregar o efeito de beneficência em sua explicação e, ao mesmo tempo, passar uma boa imagem com este expediente, Jimmy ainda recebe uma última questão na qual existe um saber pressuposto. A mesma conselheira pergunta: “há alguma influência especial na sua visão de trabalho?”. Para quem acompanhou a série (ou mesmo para quem for assistir) é possível perceber que existe no interior da formulação da indagação uma referência ao irmão de Jimmy, Charles Lindbergh McGill Jr. Eis que no ritual um saber é requisitado como meio de

---

<sup>5</sup> Uma forma de advocacia sem fins lucrativos destinada a quem não tem condições de arcar com os custos dos honorários do profissional.

acesso à licença para advogar, porquanto é a replica a esta demanda que faz com que Jimmy não consiga reaver sua autorização. O saber engendrado na pergunta e ignorado na resposta demonstra a importância no ritual de relações de poder e, sobretudo, coloca o carisma em uma posição privilegiada por se vincular com um saber-poder. “Se saber consiste em entrelaçar o visível e o enunciável, o poder é sua causa pressupostas; mas inversamente, o poder implica o saber enquanto bifurcação, diferenciação sem a qual não passaria ao acto” (DELEUZE, 2017, p. 59, sic.).

O saber e sua implicação são ignorados propositalmente, fatos que corroboram o não emprego de uma técnica de si que os levariam em consideração. Jimmy, por não manter boas relações com seu irmão e não querer lhe dar qualquer crédito por suas escolhas, diz que foi a universidade que o formou que influencia em sua visão de trabalho. A rarefação do sujeito em seu dizer constitui a operação segundo a qual a escolha entre apontar para o predeterminado (pré-construído), como um saber cujos efeitos são almejados, ou para uma possibilidade de desvio e, por conseguinte, a estruturação de si, como um sujeito relativamente autônomo, permite a Jimmy selecionar o afastamento dos vestígios de seu irmão, como se isso fosse realmente possível. Ora, Charles Lindbergh McGill Jr. é, no interior das relações de poder em que se encontra o protagonista de *Better Call Saul*, a predeterminação de um saber que engendra um poder (ser).

O carisma, como uma técnica de si, mostra-se eficaz na dissuasão tanto por seu emprego quanto por sua falta, pois quando seus efeitos estão ausentes do ritual das relações de poder, parece haver menor adesão, por parte dos outros, à concordância. Isso pode ser percebido quando da vez Jimmy requisitou nova reintegração na Ordem dos Advogados e passou por outra audiência com um colegiado disciplinar. Nela, o carisma já ganha ares de virtude exagerada das emoções, mas não perde o vigor da espontaneidade; a fala, regida pelos critérios advindos do ritual jurídico, é alçada a condição de representante da verdade íntima de um sujeito clivado pela imagem de seu irmão. A precisão das escolhas argumentativas e o peso dado a elas fazem da exposição de Jimmy uma representação significativa do quadro ritualístico montado para lhe “sacar” o saber que lhe pode conferir o poder de mais uma vez advogar.

Ao iniciar sua sustentação oral diante do comitê de ética, o protagonista de *Better Call Saul*, mostra uma carta que seu irmão escrevera antes de falecer. Lê trechos iniciais da missiva, contudo, resolve guardá-la sob a justificativa de que seu conteúdo dizia respeito apenas aos dois, escritor e destinatário. Jimmy começa um elogio aos traços de personalidade de seu irmão. Aponta virtudes, indica defeitos, porém sem deixar os últimos maiores do que as primeiras. Afiança com um ligeiro sorriso e olhos marejados: “Chuck me amava como irmão, mas não como advogado”. Nesse instante, os componentes do comitê de ética, agora em cinco, olham-se. O orador continua imprimindo leveza às palavras e à gesticulação, que no início, quando da leitura da carta era contida, e demonstrando segurança declara: “Se decidirem que eu posso ser advogado, farei tudo que puder para ser digno do nome McGill, se decidirem que eu não posso ser advogado, não importa, eu ainda tentarei ser o melhor homem que eu puder”.

A estratégia argumentativa, neste caso, vale-se do peso dado ao objeto de saber, seu prestigiado irmão advogado, e, ao atualizar o ritual, permite ao seu utente um acesso privilegiado ao poder deste saber. Portanto, o carisma, como técnica de si, *per se* não é único expediente posto em marcha para garantir a persuasão do comitê de ética, já que ele é uma mescla tanto do como quanto do que se diz no campo das relações de poder. É desse modo que Jimmy performatiza em sua produção discursiva o valor elevado da positividade de Chuck para que o seu próprio possa manter-se em um nível mediano, porquanto a aproximação e/ou o distanciamento aparentemente desprezioso e simpático de seu irmão mais velho traz-lhe

benefícios, entre outros, a própria ampliação de seu carisma e também faz com que a régua usada para medir sua conduta profissional seja outra. No jogo de forças instituído pelo ritual segundo o qual “[...] define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 39), o carisma, como uma técnica de performativização de si no discurso, configura um tipo de exercício de poder.

A construção de muitas circunstâncias nas quais Jimmy apresenta um uso significativo do carisma deixa ver como esse participa efetivamente da organização da semiose da protagonista de *Better Call Saul*. É, com efeito, uma força sem “origem” aquela que faz funcionar sentidos e coloca-os diante das relações de poder visando aumentar a capacidade de controle sem mesmo poder ser rastreada sua fonte? Possivelmente não, caso levemos em conta que o carisma tem sua gênese no emprego de uma técnica de si, sendo ele próprio uma, com o ritual no qual ela ganha desempenho. O carisma é, então, fundamentalmente discursivo. Dessa perspectiva, a análise do funcionamento do carisma na personagem Saul Goodman, Jimmy, demonstra, como vimos, o quão potente é o carisma na persuasão e, conseqüentemente, na apropriação do mecanismo de “atuação” no ritual que “define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirige, os limites de seu valor de coerção” (FOUCAULT, 2009, p. 39).

#### 4 Considerações finais

O carisma não é uma abstração, não é apenas uma atração e não é um dom. Tampouco se pode dizer que o carisma é tão-somente um traço de personalidade quando analisamos seu funcionamento em uma personagem carismática e aí encontramos uma série de elementos que o compõe como articulador de performance. É bastante razoável afiançar que o carisma é capaz de angariar simpatia e boa vontade ao entorno de seu utente; é um capitaneador de atenção; é um conservador simbólico de potencial para conservar sua própria estrutura. Visto que o carisma não consta apenas entre os residentes dos anais da história, pode-se, então, trazer seus efeitos para o convívio das relações cotidianas e sustentar reiteradamente seu caráter discursivo e, por conseguinte, possuidor tanto de coesão interna em seus mecanismos quanto de coerência externa em sua disposição figurativizada em um dado ritual.

Das práticas discursivas às não-discursivas (FOUCAULT, 2013), o carisma como técnica de si no interior das relações de poder arregimenta a configuração de imagens no discurso que, por sua vez, acarretam alterações consideráveis no ritual, tal como pudemos verificar no desempenho carismático de Jimmy em *Better Call Saul*. Longe de uma escanção de todos os componentes actanciais da personagem, voltamo-nos para os momentos em que o ritual segundo o qual o advogado precisa travar contato e desse dependem conseqüências que lhe podem modificar as circunstâncias nas quais se encontra. Jimmy, antes mesmo de passar a usar o nome profissional Saul Goodman, expediente que também integra sua carismaticidade, já dispensa a performatização do carisma em suas variadas formas de manifestação. A persuasão, talvez o efeito mais imediatamente percebido, é fundamentalmente o escopo da personagem ao empregar o carisma como recurso interpessoal, porém, como vimos, a simpatia (derivada do desempenho do carisma) angariada das pessoas idosas lhe proporcionou o crescimento e destaque no meio profissional.

Artifício que ultrapassa os limites da argumentação, o carisma é uma atividade performática que depende intimamente das circunstâncias e de seus participantes. Ora, quando

se investiga a linearidade de uma técnica de si, tal como fizemos com o carisma circunstanciado a uma personagem, tem-se a aparência de que seu funcionamento responde sempre as mesmas demandas.

O “desenvolvimento” de uma coisa, de um costume, de um órgão, não é, por conseguinte, de forma alguma sua progressão para um fim, menos ainda uma progressão lógica e direta realizada com o mínimo de forças e de despesas: é antes a sucessão de processos de sujeição, mais ou menos profundos, mais ou menos independentes uns dos outros, da qual ela é o teatro a que se agregam as resistências, as tentativas de mutação de forma que entram em jogo para a defesa e para a reação, e ainda os resultados das contra-ações coroadas de sucesso. (NIETZSCHE, 2009, p. 84, aspas do autor)

Diante dessa observação, o carisma, como uma técnica de si, deve ser retirado de uma lógica continuísta segundo a qual o objetivo de seu emprego é, via de regra, condicionar favoravelmente as relações de poder, de modo que o carisma consistiria em um tipo de abalo na progressão linear dos circuitos da sociedade. Portanto, ainda que, como demonstrado pelas investigações de Weber (2004) acerca das formas carismáticas de “modificação” dos encadeamentos na história, o carisma seja um eixo nodal nas análises de constituição de técnicas utilizadas nos âmbitos político e religioso, não se pode ignorar a descontinuidade em suas manifestações menos “evidentes” porque se desenrolam no dia-a-dia aonde a História há pouco tempo chegou. Do cotidiano à História volta-se para a história do cotidiano. Assim, como os conflitos ordinários, quando sistematizados no fio das consolidações econômicas dos países, geram guerras, as técnicas de si confluem para o destaque do funcionamento das relações de poder intrínsecas ao ritual, que a depender do grau de relevância social, provoca, dispõe, formaliza o carisma como seu partícipe, ora acessório, ora essencial.

Portanto, é no substrato das relações de poder que o carisma precisa ser analisado e compreendido do contrário incorre-se no equívoco de creditar-lhe um halo místico responsável por uma personalidade “simpática” com a qual “todos” lidam bem. Na antípoda da concepção do senso comum, mas sem deixar de lhe apreender aquilo que possa compor os traços fundamentais, é necessário observar cada vez mais o carisma para além de um capital simbólico estruturado em determinadas formas de rituais, como a religiosa e a política, para observar-lhe o desempenho no ritual englobante do cotidiano. Os movimentos envolvidos nas cenas do dia a dia perfazem os próprios caminhos do poder, constituindo, desse modo, malhas no tecido das relações do circuito social no qual o carisma por muito tempo tem sido posto em marcha, mas só há algum tempo tem recebido os necessários estudos.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [19-?].
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política* (vol. I). Trad. Carmen C, Varriale et al. 12 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

- DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Editora Edições 70, 2017.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FRANK, N. *A força do carisma*: como encantar as pessoas e se destacar em qualquer ambiente. São Paulo: Editora Lafonte, 2017.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- LAURANCE, R. *O carisma de Adolf Hitler*: o homem que conduziu milhões ao abismo. Trad. Alice Kelsck. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.
- LEIGH, A. *O poder do carisma*. 2 ed. São Paulo: Editora Gente, 2013.
- MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Trad. Ciro Mioranza. 3 ed. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Trad. Antonio Carlos Braga. 3 ed. São Paulo: Editora Escala, 2009.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação - a nova retórica*. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REVEL, J. *Michel Foucault*: conceitos essenciais. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SHINYASHIKI, E. *O poder do carisma*: conquiste e influencie pessoas sendo você mesmo. São Paulo: Editora Gente, 2018.
- SOARES, T. B. Sentido da voz: uma análise das unidades do discurso presentes no campo da oratória. *Revista Humanidades & Inovação*. v. 6, n. 8, 2019, pp. 269-280
- SOARES, T. B. *Composição discursiva do sucesso*: efeitos materiais no uso da língua. Brasília: EDUFT, 2020.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade*: Fundamentos da sociologia compreensível. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da UnB, vol. I, 2004.

Recebido em: 24/06/2021

Aceito em: 02/09/2021